

resolver o problema. Servem apenas para frizar a dificuldade que existe em Portugal de libertar o Pensamento das garras da Finança. Nos regimens democraticos, porém, essa libertação jámais poderá conseguir-se. Ao governo *legal* da Nação, substituiu-se o governo *ilegal* dos Politicos. Os Politicos são governados pelos financeiros. Não ha, nem pode haver, abolida como foi a Autoridade do Sangue, fiscalização alguma capaz de pairar acima e liberta do condominio do Oiro, de forma a não permitir que ele lance mão de todos os processos de propaganda capazes de fazerem reverter a seu fãvor a opinião geral do país, preparando o publico, por via dos jornais, sobretudo, para a aceitação de todos os seus planos e projectos anti-nacionais.

Duma maneira geral, portanto, a libertação da 'nteligencia implica a libertação do Estado das mãos das oligarquias politico-financeiras, quer dizer, o aniquilamento da Democracia.

Augusto da Costa,

A entrevista da semana

O que diz o dr. Fernandes Lopes, filosofo e professor

Fernandes Lopes começa por achar muito interessante a idea das entrevistas, pois ela permite que um homem seja célebre sem escrever, sem pintar nem esculpir...

Da Antiguidade já nos veem dois prodigiosos exemplos: Pyrrho e Sócrates...

Não se considera homem célebre, todavia está á disposição do jornalista...

Fernandes Lopes é falador como todo o bom algarvio, tem um olhar vivo e indagador, e se nos fixarmos no

á-vontade descuidado do vestuário, no chapéu em caldeira descaído para a testa, na barba por fazer e no enorme nó da gravata de *piquet* branco sobre o colarinho de grandes pontas dobradas, teremos uma sofrível idea da sua figura invulgar.

A entrevista moderna não requiere cenário especial. Assim, esta passa-se na segunda de um *tramway* Faro-Olhão, na mais despretenciosa palestra com o ilustre filósofo e professor que havia dias procuravamos em vão.

Foi uma agradável surpresa o seu encontro. E enquanto na carruagem um grupo de comerciantes apreciava a situação actual da industria das conservas, nós isolávamos-nos naquele adorável convívio espiritual que Fernandes Lopes tão magnificamente sabe desenvolver com a sua dialectica forte e os seus conhecimentos vastissimos.

Antes da partida, uma invasão de estudantes excursionistas, (creio que eram os que o Estado mandava a Tanger, com vários ex-ministros e futuros ministros...), veio perturbar a palestra serena que encetamos sobre Arte. Mas apesar de tudo, já a locomotiva assobiava largando as agulhas, metendo ao aterro que se ergue sobre as lamás do rio, começamos a entender a voz um do outro, atravez o ruido, e ahi deixo transcrita a sua mais importante súpula:

— Tudo evoluciona. Como tudo, a Arte evoluciona... Admito pois todas as fórmulas de Arte! gritava-me Fernandes Lopes.

Atravessamos um periodo de delirio.

Embora! Todos os grandes movimentos artisticos, todas as renovações, começaram pelo delirio...

Serenamente, alguém virá e usará d'esse ideal apregoadado com a segurança que os apóstolos lhe não souberam dar, equilibrando-o n'uma forma sólida que será uma resultante magnífica de todos os desequilibrios anteriores.

O proprio classicismo o que foi?...

— Não concorda V., então, com os Artistas que ao Passado vão buscar a linguagem e o sentimento estético...

— Não e sim! Não, se o Artista se fossiliza numa forma arcaica e anacrónica. Sim, se o Artista é moderno, é

do século, na sua sensibilidade, e sabe usar dêsses recursos com sobriedade e acerto.

Destes tem um precioso exemplo em Lopes Vieira, de quem devo citar o esplendido *Livro de Amadis*.

Não ponho peias de espécie alguma ao criador. O talento é ainda quem tudo impõe...

— Em que situação se coloca V. diante da nova corrente tradicionalista que vem a tomar tamanho incremento no nosso paiz?

— Coloco-me no situação de quem não acha que se deva fazer uma corrente excessivamente nacionalista, fechando-nos a tudo quanto nos venha de fóra, assim como não entendo que no século XIX se tivesse estabelecido uma corrente excessivamente desnacionalisadora, desprezando tudo o que a tradição nos deixára.

Anda no assunto, de resto, uma grande especulação...

Diante dos nossos olhos passava este Algarve primavera de ceu algodoado, á direita a ria azul e quieta com um ou outro barco navegando á vela em demanda da barra, á esquerda a campina mimosa de hortejos, salpicada de noras e casais, até se erguer, ao fundo, na curva japoneza dos primeiros montes que anunciam a vaga da serra.

Olhão já branqueja, lá abaixo, n'uma ponta, com suas açoteas cúbicas e as chaminés das suas fábricas.

O entrevistador, depois das ideias geraes, requer notas psicológicas, pretende fixar o que é pessoal, o que é exclusivo do entrevistado.

Só desta fôrma a entrevista terá sobrevivencia: modelando alma, gesto e cenário, de forma que esse instante seja sempre um fulguramento da vida.

A pergunta saiu-nos seca demais:

— Doutor: o que pensa de si próprio?

A sagacidade rábula e contendora de Fernandes Lopes não esperava este «directo» (vá lá o termo sportivo, tão da moda...).

Pestanejou. Sorriu:

— Os outros serão melhores julgadores de mim próprio, do que eu...

Procuramos um rodeio. E d'ali a pouco o autor da *Conferencia sobre o Poeta João Lucio* dizia-nos tudo o que desejavamos saber :

— Não tenho vocação para escritor. Nem para poeta. Falta-me a imaginação, a predisposição especial de refractar, de jogar com palavras, com imagens e com simbolos.

Pintor, tambem me não sjnto.

Do que fundamentalmente me convenci é de que sou um musico.

A minha educação musical não foi grande, por isso não posso alcançar a perfeição que desejo, mas, apesar de tudo, reconheço aptidões grandes no meu espirito e alguma coisa tenho feito no sentido de realizar, na medida do que posso, esse desejo...

Filosofo, tambem o seria, se tivesse tido uma cultura ordenada e vasta, orientada, sobretudo...

Não pude deixar de me rir diante da modéstia do meu interlocutor.

Folheei ao acaso os livros que ele trazia comsigo, como se me debruçasse sobre os problemas que neste momento o tomam, e notei uma história dos gregos, um volume sobre a India, uma obra de Maurras, a *Cartilha Integralista*, dois *Abregés du Droit Romain* e um *mare magnum* de apontamentos... quasi nada !

A locomotiva apitou : Olhão !

Estava finda a entrevista.

José Dias-Sancho.

A "Revista Portuguesa" publicará no proximo numero, em editorial, um artigo de Julião Quintinha com o titulo: — "A função social da Arte"